

VIVER ENTRE LÍNGUAS: O USO DAS LÍNGUAS INDÍGENA E PORTUGUESA PELO ALUNO INDÍGENA DO *CAMPUS* AMAJARI.

Jacinta Ferreira dos Santos Rodrigues¹
Déborah de Brito Albuquerque Pontes Freitas²

RESUMO

Este artigo tem como principal objetivo descrever os contextos em que o aluno indígena utiliza as línguas portuguesa e indígena. Tendo como suporte os estudos sob a luz da Sociolinguística, onde refletimos sobre: Em que contextos o aluno utiliza as línguas portuguesa e indígena? Procurando dessa maneira a partir de um cenário bilíngue (O *Campus* Amajari) identificar as situações de uso ou não das línguas a partir do sujeito bilíngue e através desse uso sinalizar os lugares, as pessoas, os contextos e os fatores que influenciam para que isto aconteça. Esse ensaio é um estudo de caso interpretativista de cunho etnográfico e está voltado para a área da Linguística Aplicada. Os registros foram coletados a partir da observação participante e de entrevista semiestruturada. Os resultados apontam que o uso ou não das línguas portuguesa e indígena tem como ponto de partida os lugares, as pessoas e as circunstâncias que os sujeitos bilíngues vivenciam em suas relações pessoais, sociais e/ou linguísticas, produzindo uma miríade de situações que depende do contexto do mundo ao qual estão inseridos.

Palavras-chave: Sociolinguística, Uso das línguas, Bilíngue.

INTRODUÇÃO

O processo de globalização trouxe muitas mudanças para o mundo e para a sociedade, dentre essas mudanças estão a chegada de novos conceitos sobre identidade, cultura, contato de línguas e bilinguismo. Essa pluralidade de conceptualizações oportunizou a sociedade pós-moderna a quebra de estereótipos, de conceitos essencializados sobre os temas supracitados.

Sob esse aspecto o bilinguismo ganha espaço para diversas discussões, uma vez que somos e estamos cercados de sujeitos bilíngues, favorecendo assim as misturas linguísticas e contribuindo para o hibridismo cultural.

Nesse sentido, foi a partir da minha vivência, enquanto professora de língua portuguesa, do *Campus* Amajari que comecei a me interessar por essa temática, uma vez que estou a todo tempo tendo contato com alunos indígenas e venezuelanos, estes utilizam a língua portuguesa como meio de comunicação. Assim o fato do aluno indígena conviver com a língua de sua etnia e a língua portuguesa fez surgir a inquietação que norteia este artigo, então tento refletir sobre: **Em que contextos o aluno utiliza as línguas portuguesa e indígena?**

¹ Mestre em Letras pela Universidade Federal de Roraima - UFRR, jacinta.rodriguesjh@gmail.com.

² Professor orientador: Doutora em Linguística Aplicada, Professora da Universidade Federal de Roraima - UFRR, drahfreytas@yahoo.com.br.

Essa problemática não se restringe apenas a esse ensaio, pois ela é uma das subperguntas da minha dissertação de mestrado.

Dessa forma o presente artigo tem como principal objetivo descrever os contextos em que o aluno utiliza as línguas portuguesa e indígena, buscando assim a partir de um cenário bilíngue, identificar as situações de uso ou não das línguas a partir do sujeito bilíngue e através desse uso sinalizar os lugares, as pessoas e contextos em que acontece esse uso e que fatores influenciam para que isto aconteça.

Almejo não apenas com este estudo, mas também com a minha dissertação o desenvolvimento de ações educativas no *Campus* Amajari voltadas para a conscientização e valorização das línguas e culturas na instituição, não apenas dos indígenas que aqui estudam, mas também das comunidades e da sociedade amajariense.

Este estudo está embasado na área da Linguística Aplicada, sendo uma pesquisa interpretativista de cunho etnográfica, nesse sentido o estudo aqui exposto é uma pesquisa qualitativa, através do estudo de caso. A coleta de registros deste ensaio partiu da observação participante e da entrevista semiestruturada, usei como ferramentas os diários de pesquisa e de campo; e para fazer as análises utilizei a triangulação dos dados.

As análises dos dados estão norteadas sob a luz de alguns teóricos que abordam temas como bilinguismo, misturas de códigos, encontros e trocas linguísticas, dentre eles contemplo Calvet (2002); Freitas (2007); Mota (2007); Coracini (2007); Grosjean (2008); Mello (1999); Maher (1998).

METODOLOGIA

Esse ensaio está embasado na área da Linguística Aplicada, doravante LA, que além de se basear em suas próprias teorias, busca parte de seus subsídios teóricos na Linguística e parte em outras áreas de investigação tais como a Psicologia, a Sociolinguística, a Antropologia, a Educação, a Filosofia, a Etnografia da Fala.

Assim, a pesquisa em LA de acordo com Moita Lopes é de natureza aplicada em ciências sociais, dando enfoque à linguagem a partir do ponto de vista processual, de natureza interdisciplinar e mediadora, envolve formulação teórica e baseia-se em métodos de investigação de base positivista e interpretativista. (MOITA LOPES, 1996).

A pesquisa interpretativista é de cunho etnográfico que segundo Moita Lopes (1996) “é caracterizada por colocar o foco na percepção que os participantes têm da interação linguística e do contexto social em que estão envolvidos” (MOITA LOPES, 1996, p. 22) e tem base antropológica traduzindo a prática da observação, ou seja, o pesquisador vai para a comunidade, fazendo suas anotações, acompanhando o sujeito. Assim o investigador acaba tornando-se parte do contexto social do sujeito de pesquisa.

Nesse sentido o estudo aqui exposto direciona-se para uma pesquisa qualitativa, que pode se referir a pesquisa de pessoas, experiências vividas, comportamentos, emoções, sentimentos, movimentos sociais, fenômenos culturais, como também interação entre nações (STRAUSS; CORBIN 2008), caracterizando-se, assim como um estudo de caso. Sob esse prisma procuro nessa pesquisa dar ênfase a perspectiva do sujeito, em sua prática social, dando voz as atitudes, comportamentos e/ou sentimentos que ele desenvolve ao fazer uso das línguas, e como este influencia a sua representação enquanto índio.

A coleta de registro deste artigo partiu da observação participante, onde utilizei como ferramenta o diário de pesquisa, também fiz uso da gravação de áudio e entrevista semiestruturada para chegar a análise dos dados e com base nos registros coletados pude iniciar a triangulação e roteirização dos dados, tentando retirar as falas que seriam pertinentes para responder a pergunta deste estudo.

O local da pesquisa é o Instituto Federal de Roraima/*Campus* Amajari, tendo como sujeitos de pesquisa dez alunos indígenas, que pertencem a etnias, idades e séries distintas como demonstra a tabela abaixo.

Tabela 1: Sujeitos de Pesquisa

NOME	ETNIA	IDADE	SÉRIE	COMUNIDADE
Regina	Wapichana	17 anos	3º ANO	Barata
Juliana	Wapichana	18 anos	3º ANO	Anta
Thays	Makuxi	14 anos	1º ANO	Alto alegre
Luciana	Makuxi	18 anos	3º ANO	Barata
Marta	Makuxi	19 anos	3º ANO	Barata
Marcos	Ingarikó	20 anos	3º ANO	Manalai
Eduardo	Taurepang	17 anos	2º ANO	Araçá
Luana	Wapichana	17 anos	1º ANO	Guariba

Renata	Makuxi	18 anos	2ºANO	Pium
Frankle	Taurepang	17 ANOS	1ºANO	Boca da Mata

Os nomes empregados para os sujeitos desta pesquisa são nomes fictícios. Antes de participarem das entrevistas fiz a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), da Autorização de uso de imagem e voz e do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE)- para os menos de 18 anos, onde todos concordaram em colaborar com a investigação, após a leitura dos termos, mediante assinatura.

DESENVOLVIMENTO

Vivemos em uma sociedade onde o homem está cercado por mudanças históricas, sócias e linguísticas, assim não tem como falar de sociedade sem falar de linguagem, pois Alkmim (2001): “linguagem e sociedade estão ligadas entre si de modo inquestionável. Mais do que isso, podemos afirmar que essa relação é a base da constituição do ser humano” (ALKMIM, 2001, p. 21). Nesse sentido a sociolinguística busca a partir dessa relação entender os fatores que nos cercam sejam eles sociais, culturais e/ou linguísticos.

Dessa maneira, quando se fala em mudanças linguísticas, com a chegada da pós-modernidade surgem diversos conceitos sobre língua e cultura agregado a esses conceitos também surgem visões ora inovadoras, ora essencialistas, visões essas que ganham representação a partir do contato com a alteridade.

Essa alteridade faz eclodir os contatos de diversos encontros linguísticos, surgindo assim a denominada transculturação, onde o processo de globalização favorece cada vez mais as misturas linguísticas (BURKE, 2010).

A transculturação leva-nos ao caminho da transculturalidade que se pensada pela noção de cultura, volta-se para uma abundância de termos e significações, tais como diferença ou alteridade cultural, multiculturalismo, pluralismo cultural, comunicação intercultural. (COX E ASSIS-PETERSON, 2007).

A noção de transculturalidade vai além desses termos, pois segundo Cox e Assis-Peterson (2007) “o prefixo trans, dentre seus muito sentidos, veicula aqueles de “movimento através de”, “movimento de ir e vir”, “movimento perpétuo”, “trânsito”, “circulação”, “troca” e nos remete a um movimento de ir e vir, de transitar entre culturas e línguas,” (COX E

ASSIS-PETERSON, 2007, p. 35) esse conceito de transculturação, o movimento de “ir” e “vir” pode ser associado ao conceito de língua, pois esta também desde os primórdios, do contato com outras línguas, das misturas linguísticas apresenta alterações, modificações e influências. Para Mello (1999) “Uma língua não é apenas um sistema de sons. É muito mais do que um instrumento de comunicação. Uma língua é um comportamento social e como tal está intrinsecamente ligada à vida, à cultura e à história de um povo. (MELLO, 1999, p. 23)

Nesse aspecto o conceito de língua vai além do que pensamos, se tomarmos como base apenas o conceito supracitado, percebemos que ele vai transcender um simples meio de comunicação, estando entrelaçado com as questões socioculturais de um povo. Povo este que ao entrar em contato com outros, também se depara com outras culturas, crenças e modos de ser. É nesse cenário que se encontram os alunos indígenas do *Campus Amajari*, uma vez que os mesmos ao adentrarem na instituição encontram um ambiente multicultural, onde etnias, culturas e línguas se misturam proporcionando o contato através do sujeito bilíngue, assim Grojean (2008) diz que “a maioria adquire suas línguas em diferentes momentos da vida” (GROJEAN, 2008, p. 163).

Nesse sentido percebemos que todos os alunos do *Campus Amajari* vivem em um mundo plurilíngue, pois Calvet (2002) diz que: “o plurilinguismo faz com que as línguas estejam constantemente em contato. O lugar desses contatos pode ser o indivíduo (bilíngue, ou em situação de aquisição) ou a comunidade)” (CALVET, 2002, p. 35). Assim o contato linguístico pode acontecer não apenas com o indivíduo bilíngue, mas também com a sua comunidade, meio social e/ou cultural.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Começo discutindo um pouco das observações feitas na aula de Bovinocultura de leite com o Marcos, indígena Ingarikó que saiu de sua comunidade para fazer o curso técnico, aprender algumas práticas oferecidas pelo curso e assim “levar sua aprendizagem para a sua comunidade”, fato esse relatado em entrevista. O Marcos procura sentar na última cadeira da fila, é um aluno reservado, não conversa muito com os colegas, porém os mesmos sempre estão prontos para auxiliá-lo ou tirar qualquer dúvida. Apesar disso, vejo que o sujeito de pesquisa, voluntária ou involuntariamente na maioria das vezes, está próximo de seus pares que são Ingarikó, pelo fato de sentir-se em família, mais próximo de sua casa, do aconchego do seu lar, dos que falam a língua da sua etnia. Sobre esse tipo de relação, Coracini (2007) diz

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

que “a sua relação subjetiva com as pessoas e, certamente, com a língua e a cultura: o que está próximo dele, com que ele se sente bem, é quente, caloroso; o que se distancia é estranho, causa-lhes estranheza, é esquisito, opõe-se radicalmente: é frio (CORACINI, 2007, p. 94).

Nesse aspecto percebo que o Marcos é um aluno que todos falam com ele e ele fala com todos, mas quando menos se espera ele está lá, novamente, procurando sua relação calorosa de língua e cultura. Isso se reafirma em uma outra aula, esta de declividade do solo, em que o sujeito de pesquisa fica observando um chaveiro, que pelas características é um chaveiro de artesanato indígena, acho que é da sua comunidade, penso que nesse momento ele relembra a sua comunidade, a sua casa, a sua família.

Observando outro contexto da aula de bovinocultura de leite, agora os alunos apresentam um seminário, as equipes são formadas por quatro integrantes. Enquanto uma parte da turma vai apresentando seus trabalhos, o Marcos fica um pouco inquieto, apoia a cabeça no braço da cadeira, por várias vezes coloca a mão no bolso. Não sei se a minha presença o está inibindo ou o deixando nervoso, mas sinto que ele não está à vontade. Em um dado momento, percebo que ele pede o computador do colega emprestado, fica totalmente imerso no que está vendo na tela do computador, é como se não tivesse ninguém ao seu redor, então começa a ler em voz um pouco alta, como se estivesse ensaiando. Depois de algum tempo tentando escutar algo, vejo que realmente ele está ensaiando a sua apresentação que está prestes a começar. É como se ele não quisesse cometer “nenhum deslize” na língua portuguesa perante os seus colegas, para Revuz (2001) *apud* Mota (2007) “Falar é sempre navegar à procura de si mesmo com o risco de ver sua palavra capturada pelo Outro ou pelos estereótipos sociais, pródigos de ‘frases feitas’” (REVUZ *apud* MOTA, 2007, p. 158). Como o Marcos em sua comunidade fala o Ingarikó, aqui no *Campus* Amajari se esforça para ter uma boa fluência na língua portuguesa e demonstra bastante interesse ao fazer isso perante a exposição de seu seminário, já que durante a apresentação de sua equipe todos explicam alguma coisa, enquanto ele apenas lê os slides.

Além disso, o sujeito de pesquisa relata em suas falas³, durante a entrevista semiestruturada, a sua vontade em aprender a língua portuguesa, por isso as trocas linguísticas proporcionadas nos momentos de interação com os colegas, pois de acordo com o Marcos, ele sempre procura aprender palavras novas na língua portuguesa e aproveita a oportunidade para ensinar um pouco do Ingarikó para os seus colegas.

³ As falas dos sujeitos de pesquisa estão identificadas a partir do instrumento de coleta de registro, a saber: Observação participante (OP) e Entrevista semiestruturada (ES).

Na aula seguinte de bovinocultura de leite, a professora aplica uma prova, nesse momento prefiro não participar da aula, mas após o término da aplicação peço permissão para olhar a do Marcos. Vejamos abaixo um trecho de uma resposta

MARCOS-INGARIKÓ: (OP):

- Os bezerros estão Se alimentando no Sol no calor
- Bezerros esta sem sombreamento
- Bezerros está sem água
- Os bezerros estão no campim Seco
- Os bezerros estão no piquete que não tem capim verde
- Os bezerros ficam sem descanso por causa calor sem...

Destarte, observamos que ora o sujeito utiliza o artigo definido para iniciar as frases ora não. Esse fenômeno acontece devido a variedade étnica, isso porque se trata de grupos étnicos e/ou minorias étnicas, onde estes, ao utilizarem uma língua demonstram marcas das influências de outra, no caso do Marcos isso acontece devido ao uso ou não do artigo, onde observamos características marcantes da língua da sua etnia. É interessante ainda ressaltar que as várias situações advindas do contato linguístico entre os indígenas e a cultura “dominante” resultam nos comportamentos culturais e/ou linguísticos dessas minorias (MESQUITA, 2015).

Em contraponto a esse contexto tomemos como base a partir de agora, situações vivenciadas durante as minhas aulas de língua portuguesa com a Thays, a Luana e o Frankle. Após terminar a aula de língua portuguesa, os sujeitos de pesquisa junto com alguns colegas travam um diálogo bem próximo a minha mesa, retardo então a minha saída da sala. O diálogo inicia quando Luana começa a colocar uma palavra indígena no quadro, os demais tentam adivinhar o significado, enquanto escreve, ela diz:

LUANA-WAPICHANA: OP:

A língua indígena às vezes é muito difícil!

Então, pergunto se algum deles sabe falar a língua de sua etnia, a Thays responde:

THAYS-MAKUXI: OP:

Eu sei falar algumas coisas da minha língua materna, **mas sempre que converso com a minha avó, a gente se fala em Wapichana**, meu pai e minha avó só se comunicam na língua Wapichana, então quando eu converso com a minha avó, tento usar o Wapichana, eu sempre entendo o que ela fala, mas às vezes não sei responder na língua.

Nesse trecho a aluna destaca que sabe falar poucas coisas em Wapichana, no entanto, sempre que está com sua avó, procura manter uma comunicação, por mínima que seja, em Wapichana, como demonstra o fragmento destacado. Essa afirmação também é relatada durante a realização do grupo focal. O mais interessante na fala do sujeito é a sua habilidade de entender Wapichana, e responder em português. Para Grosjean (2008), “normalmente, os bilíngues, durante suas interações diárias com outros bilíngues, agem sem perceber os vários fatores psicológicos e sociolinguísticos que os induzem à escolha de uma língua ao invés de outra” (GROSJEAN, 2008, p. 165). Isso se confirma, porque ao indagar sobre como a Thays consegue fazer esse processo, a mesma responde dizendo, “que não sabe, apenas acontece”.

Compreendo que o sujeito de pesquisa usa a língua portuguesa na escola, em casa, mas sempre que encontra com sua avó tenta manter um diálogo na língua Wapichana, nesse caso a situação, o local ou o participante da interação são fatores que irão influenciar na mudança de código (MELLO, 1999). Em relação a essa situação, Freitas (2007) me fez refletir sobre

A coexistência de graus variáveis de competência linguística em Makuxi e Português num único universo linguístico gera, na comunicação do dia a dia, um diálogo entre gerações nas duas línguas. Um fala em Makuxi, o outro em Português. Assim, como consequência natural do passar do tempo, os mais velhos morrem e as novas gerações vão se restringindo cada vez mais à língua que é usada, a língua portuguesa; posto que é a que estabelece comunicação em ambas as esferas, indígena e não-indígena. (FREITAS, 2007, p. 22).

De acordo com a fala do sujeito de pesquisa isso vem acontecendo com a sua família, onde seu pai e sua avó se comunicam não na Língua Makuxi, mas sim na língua Wapichana, no entanto, a Thays e sua avó se comunicam em Wapichana e Português. Quero deixar claro

que a etnia da Thays, em seu registro indígena, é Makuxi, sendo que ela se considera Wapichana. Ela relata que faz isso porque sua mãe que é Makuxi, quase não falava sobre a etnia, enquanto seu pai, Wapichana, sempre a levava às reuniões para dançar o parixara, sempre conversava sobre a cultura. O interessante é que pude observar esse posicionamento do sujeito de pesquisa não apenas em suas falas da entrevista semiestruturada, como também em alguns momentos da observação participante. Nessas falas, atento para a representação que a Thays tem sobre a sua história, a história do seu povo, é possível verificar que essa representação não está condicionada a um documento, mas sim a todo o contexto sócio familiar em que ela cresceu e com o qual se identifica.

Ao observar a Thays falar, o Frankle diz que não sabe falar a língua de sua etnia, então questiono o porquê, ele me responde de acordo com o fragmento abaixo:

FRANKLE-TAUREPANG: OP:

A gente foi perseguido porque erámos canibais, aí não restou ninguém, só a minha avó e a irmã dela, mas a minha avó nós perdemos o contato. Minha mãe é que me contou.

Dessa fala depreendo que o motivo por não falar a língua da sua etnia é decorrente do desaparecimento de seus familiares, neste caso, também quero deixar claro que a etnia do Frankle no registro indígena é Taurepang, mas quando ele fala sobre a língua de sua etnia ele se refere a língua Saporá que é a etnia da sua mãe, a qual ele carrega como sobrenome.

Ilustro a partir de agora outra situação vivenciada também durante as minhas aulas de língua portuguesa, nesse contexto encontramos a Luciana, a Regina, a Mariana e a Juliana que falam a língua portuguesa, para quem o idioma está presente em suas vidas desde a infância. A aula era de Produção de Trabalho Científico, onde os alunos recebem algumas instruções sobre o Trabalho de Conclusão de Curso - TCC. Enquanto tirávamos algumas dúvidas sobre a produção do trabalho supracitado, percebo que alguns alunos riem de uma situação, que despertou a minha curiosidade, ao me aproximar vejo que o motivo para os risos, está em um papel, então peço para ver do que se trata, os alunos se olham e sorriem mais uma vez, até que a Regina, traz o papel com o motivo da euforia, nele encontro em Língua Indígena as seguintes frases:

- UNGARY BAYDA'OP NIKEN KUPAY⁴
- PUATY BAYDA' OP NIKEN PUUTYABA

Ao olhar as frases os alunos questionam se eu sei o que está escrito, e voltam a rir novamente, então digo que não, uma das alunas traz o significado, na primeira frase “Eu gosto de comer peixe” e na segunda “Macaco gosta de comer macaca”. Agora entendo que o motivo da diversão vem da segunda frase. A aula toma um rumo inesperado, porém desejado. Começamos uma conversa sobre língua indígena, então questiono ao autor da frase se ele sempre usa a língua indígena, o mesmo traz a seguinte fala:

Às vezes com meus colegas falamos algumas frases zoando.

De acordo com Mello (1999) “a caracterização dos domínios sociais é importante para a noção de bilinguismo porque permite identificar o indivíduo bilíngue em um *continuum* situacional no qual se alterna os seus modos de fala” (MELLO, 1999, p. 48). As situações de uso ou não de uma língua são desencadeadas domínios distintos, entre eles podemos citar: a família, o relacionamento afetivo, entre amigos (amizade) (FISHMAN, *apud* MELLO, 1999, p. 48).

Depreendo que o aluno utiliza o domínio afetivo, quando está com seus amigos, em momentos de interação, deixa de falar a língua portuguesa e passa a falar a língua indígena. Em contraponto a resposta do aluno, Luciana argumenta que “a língua portuguesa é muito confusa, mas o Makuxi é mais difícil, pois ela não sabe falar”, dessa maneira o contato com as duas línguas, o contato com o outro permite a Luciana formar suas conceptualizações sobre o que está ao seu redor, pois, de acordo com Maher (1998), “é, portanto, nesta sua relação, no tempo e no espaço social, com diferentes “outros” que o índio constrói cosmovisões específicas e “modos de ser” particulares que terminam por constituí-lo” (MAHER, 1998, p. 117).

⁴ Essa fala é de um dos meus alunos que participavam da aula sobre Produção de Trabalho Científico. Aluno esse, que durante a observação participante, interagiu com os sujeitos de pesquisa.

Tanto a Luciana como os demais alunos, em suas falas demonstram categoricamente terem seu ponto de vista, dependendo do lugar, do tempo e do contato com a alteridade.

Assim noto que o aluno indígena escolhe usar a língua de sua etnia ou a língua portuguesa ou até mesmo as duas línguas ao mesmo tempo por alguns fatores, entre eles podemos verificar: depende da pessoa com quem ele está conversando; do lugar onde ele se encontra, seja o *Campus* Amajari, seja a sua comunidade; da situação e do momento; e também se ele consegue falar as duas línguas, pois existem alguns casos em que os alunos dizem não saber falar a língua indígena. Esses elementos aclaram, dessa maneira, os contextos em que o aluno indígena utiliza as línguas portuguesa e indígena.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste estudo foi possível chegar a algumas conclusões, assim como também a novas inquietações, pois penso que uma pesquisa nunca se dá por finalizada, sempre surgem novas concepções que precisam ser problematizadas. Dessa maneira ao analisar a problemática deste ensaio que teve como questão norteadora a interrogativa: Em que contextos o aluno utiliza as línguas portuguesa e indígena? Foi possível obter registros que ora eram semelhantes ora distintos.

Esse fator se reflete pelo princípio de que os sujeitos de pesquisa além de conviverem com pessoas bilíngues em suas comunidades, também estão inseridos em um cenário bilíngue, o *Campus* Amajari.

Assim, pude perceber que o aluno indígena usa/ou não as línguas portuguesa e indígena dependendo da pessoa com quem ele está interagindo, do ambiente em que está inserido, e às vezes até, da situação e do momento em que os falantes estão envolvidos linguisticamente, tornando suas identidades cambiantes, em constante mutação, identidades fragmentadas.

Portanto o uso ou não das línguas portuguesa e indígena tem como ponto de partida os lugares, as pessoas e as circunstâncias que os sujeitos bilíngues vivenciam em suas relações pessoais, sociais e/ou linguísticas, produzindo uma miríade de situações que depende do contexto do mundo ao qual estão inseridos.

REFERÊNCIAS

- ALKMIN, T. M. Sociolinguística: Parte 1. In F. Mussalim & A. C. Bentes (orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001.
- BURKE, P. **Linguagens e comunidades nos primórdios da época moderna**. Trad. Cristina Yamagami. São Paulo: Editora Unesp, 2010.
- CALVET, L-J. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.
- CORACINI, M. J. R. F. Discurso de imigrantes: trabalho de luto e inscrição de si. In A. B. Kleiman & M. C. Cavalcanti (orgs.) **Linguística Aplicada: suas faces e interfaces**. Campinas: Mercado de Letras, 2007.
- COX, M. I. P. & ASSIS-PETERSON, A. A. de. Transculturalidade e Transglossia: pra compreender o fenômeno das fricções linguístico-culturais em sociedades contemporâneas sem nostalgia. In M.C. Cavalcanti & S. M. Bortoni-Ricardo (orgs.). **Transculturalidade, linguagem e educação**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007.
- FREITAS, D. de B. A. P. Falar Makuxi: bilinguismo e seus fenômenos. In M. O. S. Cruz & R. C. de Andrade (orgs.). **Letras e outras letras**. Boa Vista: Edit. da UFRR, 2007.
- GROSJEAN, F. **Bilinguismo individual**. Trad. de Heloísa Augusta Brito de Mello e Dilys Karen Rees. UFG, 2008. Disponível em <http://proec.ufg.br/revistaufg/dezembro2008/traducao.html>. Acesso em 23 de setembro de 2016.
- MAHER, T. M. Sendo índio em português... In I. Signorini (org.) **Lingua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado**. Campinas: Mercado de Letras, 1998.
- MELLO, H. A. B. de. **O falar bilíngue**. Goiânia: Ed. da UFG, 1999.
- MESQUITA, R. Indígenas em contexto urbano, conflitos socioculturais e linguísticos: o exemplo dos Akwe-Xerente. In **Revista de Ciências HUMANAS**, v. 49, n.º 2, Florianópolis, p. 143-162, jul-dez 2015.
- MOITA LOPES, L. P. da, **Oficina de Linguística Aplicada: a natureza social e educacional dos processos de ensino/aprendizagem de línguas**. ed. Mercado de Letras, Campinas, 1996.
- MOTA, K. S. Mulheres brasileiras imigrantes nos Estados Unidos: (des)caminhos do bilinguismo em trajetórias de identidades. In M. C. Cavalcanti & S. M. Bortoni-Ricardo (orgs.) **Transculturalidade, linguagem e educação**. Campinas: Mercado de Letras, 2007.
- STRAUSS, A.; CORBIN, J. **Pesquisa Qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada**. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.